

5

A promoção do acesso a museus: estudo exploratório a partir dos dados do contexto familiar

O objetivo deste capítulo é o de discutir as questões associadas à promoção do acesso a museus ou instituições culturais afins a partir das respostas dos alunos sobre origem social e/ou características familiares (questionário contextual). Como um dos propósitos desta pesquisa é o de conhecer as características dos jovens e de seu entorno familiar promotoras deste acesso, foram priorizadas as de caráter sociodemográfico e, fundamentalmente, as que se baseiam em trocas materiais e simbólicas (capitais econômico, social e cultural) e que podem proporcionar um tipo de apoio sociocultural familiar relacionado com as possibilidades dos jovens terem acesso a museus. Nos últimos anos, a família tem sido um objeto de estudo privilegiado, não apenas no que se refere aos aspectos econômicos, mas principalmente porque nesta instituição se instaura esforços para o acesso e para a distribuição de bens simbólicos e materiais entre seus membros.

5.1

Estatística descritiva: relações bivariadas

Nesta seção são apresentados e discutidos os principais resultados da relação entre certas características do aluno e de seu contexto familiar e o número de museus ou instituições culturais afins visitados ao longo da vida. A variável dependente selecionada foi a *número de museus visitados qualquer temática restrito* (não engloba jardim botânico e zoológico) por razões já discutidas no capítulo anterior. Cabe mencionar que esta variável (mínimo=0 e máximo=8) foi recodificada (0= *não visitou museu*; 1= *visitou um museu*; 2= *visitou dois museus*; 3= *visitou três museus*; 4= *visitou quatro museus* e 5= *visitou mais de 4 museus*).

As variáveis independentes ou explicativas relacionadas às características dos estudantes que foram selecionadas para a análise bivariada incluem: gênero, interesse em assuntos sociocientíficos, participação em curso extracurricular e prática cultural (as três últimas estão associadas ao capital cultural). Já as relacionadas a seu entorno incluem: composição familiar; escolaridade familiar; disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar; diversidade de leitura dos

pais ou responsáveis (as três últimas associadas ao capital cultural); diálogo familiar (associada ao capital social baseado na família) e posse de bens materiais (associada ao capital econômico). O quadro 22 abaixo apresenta a descrição das variáveis selecionadas para esta análise.

Quadro 22: Variáveis utilizadas na análise bivariada (questionário do aluno)

Variável	Tipo de variável Codificação	Descrição
DEPENDENTE		
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Ordinal (0=não visitou; 1=visitou 1 museu; 2=visitou 2 museus; 3=visitou 3 museus; 4=visitou 4 museus e 5=visitou mais de 4 museus)	Número de museus visitados pelo aluno ao longo da vida. Obtida a partir de resposta do questionário sobre os museus visitados. Modificação da variável de contagem (mínimo = 0 e máximo = 8).
EXPLICATIVAS		
Gênero	Dicotômica (1= masculino)	Gênero do aluno. Obtida a partir de resposta do questionário.
Assiste televisão_programas sobre assuntos científicos	Dicotômica (1= assiste na televisão programas sobre assuntos científicos)	Se o aluno assistiu na televisão programas sobre assuntos sociocientíficos nos últimos 12 meses (2003). Obtida a partir de resposta do questionário. Modificação do item sobre a frequência com que utiliza este meio para obter este tipo de informação.
Leitura jornais_matérias sobre assuntos científicos	Dicotômica (1= lê nos jornais matérias sobre assuntos científicos)	Se o aluno leu nos jornais matérias sobre assuntos sociocientíficos nos últimos 12 meses (2003). Obtida a partir de resposta do questionário. Modificação do item sobre a frequência com que utilizou este meio para obter este tipo de informação.
Usa a Internet_saber mais sobre assuntos científicos	Dicotômica (1= usa a Internet para saber mais sobre assuntos científicos)	Se o aluno usou a Internet para saber mais sobre assuntos sociocientíficos nos últimos 12 meses (2003). Obtida a partir de resposta do questionário. Modificação do item sobre a frequência com que utilizou este meio para obter este tipo de informação.
Participação em cursos extracurriculares	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Participação do aluno em cursos extracurriculares nos últimos 12 meses (2003). Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens dicotômicos do questionário. Foi particionado em três categorias.

Continua na página seguinte

Continuação do Quadro 22

Prática cultural	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Prática cultural do aluno. Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens ordinais do questionário. Foi particionado em três categorias.
Composição familiar	Categórica (1 = nuclear; 2 = monoparental e 3 = sem os pais)	Composição familiar do aluno. Obtida a partir de resposta do questionário.
Escolaridade familiar	Ordinal (1 = estudou até 8ª série_EF; 2 = estudou até 3ª série_EM e 3 = ensino superior)	Escolaridade familiar do aluno. Obtida a partir de resposta do questionário. Modificação dos itens até que série sua mãe e seu pai estudaram.
Disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Disponibilidade de recursos educacionais/culturais familiar. Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens dicotômicos do questionário. Foi particionado em três categorias.
Diversidade de leitura dos pais	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Diversidade de leitura dos pais do aluno. Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens ordinais do questionário. Foi particionado em três categorias.
Diálogo familiar	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Diálogo com os filhos e trocas cotidianas. Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens ordinais do questionário do aluno. Foi particionado em três categorias.
Posse de bens familiar	Ordinal (1 = baixa; 2 = média e 3 = alta)	Posse de bens familiar. Modificação do indicador obtido por TRI Não Paramétrica a partir de itens ordinais do questionário. Foi particionada em três categorias.

5.1.1 Característica associada ao aluno: Gênero

Inúmeros são os estudos que falam do crescimento da escolaridade do sexo feminino em função de sua permanência no sistema educativo. O trabalho do INEP (1999) que aborda essa questão, *O Perfil do Aluno Brasileiro: um estudo a partir dos dados do SAEB 97* informa que há o mesmo número de meninos e meninas nas séries iniciais do ensino fundamental. No entanto, à medida que avançam na trajetória escolar, a distribuição se altera, permanecendo na escola mais meninas do que meninos. Isto ocorre tanto nas escolas da rede pública quanto nas da rede privada.

Com base nos dados do SAEB 2001 para a 8ª série do ensino fundamental, verificamos que na rede privada, 46% dos alunos são do sexo feminino e 54% do masculino. Já na rede municipal, a distribuição é equânime (50%).

É interessante constatar que nesta pesquisa, encontramos uma distribuição próxima à do SAEB 2001: 49% e 51% dos alunos das escolas particulares são do sexo feminino e masculino, respectivamente. Nas unidades escolares municipais, 52% são meninas e 48% meninos.

A relação entre gênero e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 30 abaixo.

Tabela 30: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo o gênero (%)

		Gênero	
		Feminino	Masculino
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	17	27
	Visitou 1	25	30
	Visitou 2	21	21
	Visitou 3	13	11
	Visitou 4	13	6
	Visitou mais de 4	11	5
	Total	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Constatamos que o percentual de não-visita entre meninas é menor do que entre meninos: 5% e 13%, respectivamente. Verificamos ainda que as meninas visitaram uma quantidade maior de museus, em comparação com os meninos: 2.13 (número médio de museus visitados) *versus* 1.55, respectivamente.

5.1.2

Característica associada ao aluno: interesse em assuntos sociocientíficos

Indagamos aos estudantes sobre a frequência com que, nos últimos 12 meses (2003), leram nos jornais matérias sobre assuntos científicos; assistiram na televisão programas e/ou reportagens sobre temas relacionados à ciência; assistiram filmes de ficção científica; leram revistas e/ou livros sobre ciências; usaram a Internet para saber mais sobre assuntos científicos e conversaram com amigos e/ou colegas de escola ou professores sobre assuntos ligados à área científica. A frequência foi me-

didada a partir de quatro categorias de resposta: *não*, *raramente*, *quase sempre* e *sempre*. A distribuição percentual dos alunos segundo os diferentes meios de acesso à informação sociocientífica está apresentada na tabela A19 do Anexo VII.

Para os comentários seguintes, recodificamos essas categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que nos últimos 12 meses utilizou esses meios para adquirir esse tipo de informação e valor zero para o caso contrário.

Apuramos que 94% dos alunos dizem que assistem na televisão programas e/ou reportagens sobre esta temática¹ e que 90% assistem filmes de ficção científica (que pode ser na televisão e/ou cinema, além de vídeo e/ou DVD). Este fato é interessante, embora não seja surpresa, uma vez que todos os alunos dispõem de aparelho de televisão em casa e metade possui pelo menos um vídeo-cassete ou DVD (tabela A27 do Anexo VII). Apesar de a televisão ser o veículo midiático mais criticado pelos analistas, no entendimento de Setton (2004, p.60) “*é possível identificar recentemente uma série de trabalhos que pensam a TV e as outras mídias a partir de outros critérios, chamando a atenção para a riqueza de suas produções*”. Ao discutir sobre as transformações que o campo da educação vem sofrendo com a emergência do fenômeno mundial da televisão, a autora destaca que

se a) as formas de aprender e b) tomar conhecimento sobre o mundo, se c) os mecanismos de transmissão do saber, d) os agentes da transmissão, e) as ocasiões e f) os espaços educativos já não são mais os mesmos, é certo considerar que o processo educativo e o resultado desse aprendizado – o educando, suas práticas e a forma como fazem uso delas – sofreram profundas alterações. (...) É justo imaginar que o estudante moderno não age e não se estimula com os mesmos processos didáticos e educativos tradicionais, bem como não usa essa informação, esse saber e cultura da mesma forma (Ibid., p.60).

Para os outros meios apontados pelos alunos, encontramos a seguinte distribuição percentual: 83% lêem nos jornais matérias sobre assuntos científicos; 77% lêem revistas e/ou livros sobre ciências; 51% usam a Internet para saber mais sobre essa temática e apenas 27% conversam com amigos e/ou colegas da escola ou professores sobre assuntos ligados à área científica.

É interessante perceber o comportamento dessa distribuição. Considerando o contexto familiar, o alto percentual de estudantes que utilizam os meios, jornal (83%) e revista e/ou livro (77%) para adquirir informações sociocientíficas pode

¹ Documentários como *Globo Repórter*, *Repórter Eco* e *Planeta Terra* ocupam 1.840 horas, por semana, da programação da TV aberta (Setton, 2004, p.63).

ser justificado pelo fato de 80% disporem em suas residências de um jornal no fim de semana (54% de um jornal diário) e 59% de revistas de informação geral (tabela A23 do Anexo VII). Considerando o contexto escolar, vimos que 72% das escolas municipais e 83% das particulares dispõem de jornais, enquanto que 84% e 83% dispõem de revistas de divulgação científica, respectivamente.

No que diz respeito ao uso da Internet para saber mais sobre essa temática (51%), a queda no percentual pode ser explicada, considerando o contexto familiar, pelo fato de 35% dos alunos não terem acesso à rede em suas residências (tabela A23 do Anexo VII). Além disto, vimos que embora o acesso à Internet esteja garantido em 80% das unidades escolares da rede municipal e 87% das unidades particulares, sabemos que, na rede municipal, a disponibilidade deste recurso não é para os estudantes (segundo dados do Censo Escolar 2003, somente 32% destas unidades possuem computadores para uso dos alunos). Isto reafirma um outro aspecto existente no mundo contemporâneo: a possibilidade de uso das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs) não é democraticamente distribuída.

Observamos que a conversa com amigos e/ou colegas da escola ou professores sobre assuntos ligados à área científica não é a forma preferida pelos estudantes. Apenas 27% fazem uso deste meio de comunicação.

A relação entre as diferentes formas de acesso à informação sociocientífica utilizadas pelos alunos e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 31 abaixo. Em função da distribuição encontrada, selecionamos um meio audiovisual (televisão: 94%), um meio impresso (jornal: 83%) e a Internet (meio que faz uso de recursos audiovisual e impresso: 51%).

Tabela 31: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo os diferentes meios de acesso à informação sociocientífica (%)

	Assistem na TV programas (temas científicos)	
	Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	21
	Visitou 1	28
	Visitou 2	21
	Visitou 3	13
	Visitou 4	9
	Visitou mais de 4	8
Total	100	100

Continua na página seguinte

Continuação da Tabela 31

		Lêem no jornal matérias (temas científicos)	
		Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	34	19
	Visitou 1	30	27
	Visitou 2	18	22
	Visitou 3	8	13
	Visitou 4	6	10
	Visitou mais de 4	4	9
Total		100	100
		Usam a Internet (temas científicos)	
		Não	Sim
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	29	15
	Visitou 1	32	23
	Visitou 2	19	24
	Visitou 3	10	14
	Visitou 4	6	12
	Visitou mais de 4	4	12
Total		100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Essa tabela mostra que o percentual de não-visita entre os alunos que não assistem na televisão programas e/ou reportagens sobre temas relacionados à ciência é maior do que entre os que assistem: 32% e 21%, respectivamente. Verificamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus um pouco maior, em comparação com os que não têm: 1.88 (número médio de museus visitados) *versus* 1.26, respectivamente. O mesmo ocorre em relação à leitura de jornais, ou seja, o percentual de não-visita entre os que não lêem nos jornais matérias sobre assuntos científicos é maior do que entre os que lêem: 34% e 19%, respectivamente. Observamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus um pouco maior, em comparação com os que não têm: 1.95 (número médio de museus visitados) *versus* 1.33, respectivamente. No caso de o uso da Internet, o percentual de não-visita entre os que não usam a rede para saber mais sobre essa temática é maior do que entre os que usam: 29% e 15%, respectivamente. Constatamos ainda que os estudantes que têm esta prática visitaram uma quantidade de museus maior, em comparação com os que não têm: 2.23 (número médio de museus visitados) *versus* 1.43, respectivamente. Em síntese, os resultados evidenciam que o uso destes distintos meios para a aquisição de informação sociocientífica parece ter um efeito positivo no número de museus visitados.

5.1.3

Característica associada ao aluno: participação em cursos extracurriculares

Embora seja uma característica associada ao estudante, a viabilização dessa participação provém do apoio sociocultural que recebe dos contextos familiar e extrafamiliar. Do ponto de vista do entorno familiar, Brandão et al. (2004a,) chamam a atenção para a posição central das mães não só no que diz respeito ao acompanhamento cotidiano da escolaridade dos filhos, mas principalmente porque criam um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extra-escolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural que, embora independentes das demandas escolares, repercutem sobre as condições de escolarização dos filhos.

Do ponto de vista do contexto extrafamiliar, cabe sinalizar que escolas e outras instituições sociais desempenham um papel fundamental na promoção de socialização e de relações de cooperação – mecanismos importantes de interação, em especial para os jovens. No entanto, preocupa os registros das pesquisas da UNESCO e de outras instituições sobre as limitações, precisamente de atividades que poderiam viabilizar tais dimensões como oficinas ou cursos que utilizam música e dança, teatro, literatura e poesia, jogos e atividades esportivas.

Indagamos aos estudantes sobre sua participação, nos últimos 12 meses (2003), em cursos extracurriculares: língua estrangeira, computação/informática, esportes (futebol, vôlei, etc.), dança, música, teatro, fotografia e artesanato/pintura. A distribuição percentual dos alunos segundo sua participação em cursos extracurriculares está apresentada na tabela A20 do anexo VII.

Os altos percentuais de não participação em algumas áreas chamam a atenção, a despeito de as inúmeras experiências, muitas vezes bem sucedidas, de organizações não governamentais que trabalham com jovens e que vêm de alguma forma fazendo diferença.

Os cursos extracurriculares associados a esportes e língua estrangeira tiveram a preferência dos alunos: 65% e 48%, respectivamente. O percentual do primeiro tem conexão com os incentivos que as diversas práticas esportivas recebem tanto por parte do setor público como do privado. Em geral, o esporte é trabalhado como instrumento de educação, de integração social, de desenvolvimento físico e psíquico

dos jovens. São inúmeras as experiências promovidas por ONGs², além de a considerável disponibilidade de ginásio poliesportivo nos grandes centros urbanos³. Um exemplo é o trabalho da *Vila Olímpica da Mangueira* (localizada na cidade do Rio de Janeiro), projeto fundado em 1986, que presta atendimento a crianças e adolescentes (entre 7 e 15 anos) desta comunidade e bairros adjacentes. Como a educação é o principal objetivo do projeto, para se matricular em qualquer modalidade esportiva, é necessário estar freqüentando a escola (Castro et al., 2001).

Praticamente metade dos alunos (48%) fez curso de língua estrangeira no transcorrer do ano de 2003. No contexto atual, o domínio de línguas estrangeiras tem se revelado uma característica básica da educação e uma estratégia de distinção, notadamente das camadas mais favorecidas da população do ponto de vista socioeconômico e cultural. De acordo com Brandão et al. (2004b), na última década do século XX, foi crescente a opção destas camadas pelos colégios bilíngües, o que se configura em um indicador do processo de internacionalização das elites.

Tem destaque o percentual de alunos que não participaram de cursos associados à área de computação/informática (70%). Desde o início da década de 1990 que pesquisas apontam que apenas os jovens das classes média e alta têm computador e estão conectados à Internet. Apesar de o empenho de alguns órgãos governamentais, determinadas empresas e ONGs em prover o acesso dos segmentos mais pobres da população a essas ferramentas, os resultados são ainda incipientes. Por exemplo, o *Comitê para a Democratização da Informática* (CDI)⁴ é uma ONG que desde a sua criação (1995) motiva a ampliação do número de *Escolas de Informática e Cidadania* (EICs) que têm como público alvo, jovens entre 12 e 24 anos (UNESCO, 2004).

É interessante acompanhar o crescente percentual de alunos que não participaram dos cursos extracurriculares ligados às áreas de dança, música, artesana-

² A maioria dessas experiências envolve jovens em situações de pobreza. Algumas também envolvem jovens em outras situações socioeconômicas – classes média e alta.

³ De acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2001 (IBGE), a quase totalidade dos municípios brasileiros a partir da faixa de 50 mil habitantes dispõe deste tipo de equipamento. Isto revela forte característica da cultura nacional relacionada com a prática esportiva.

⁴ Hoje a rede CDI inclui 833 Escolas de Informática e Cidadania em comunidades de baixa renda de 32 cidades de 17 estados brasileiros, de Norte a Sul. O CDI nacional é localizado na cidade do Rio de Janeiro. As Escolas de Informática e Cidadania (EICs) contam com 1.648 educadores e mais de 575 mil educandos formados. Houve também uma expansão para fora do país. Existem Comitês no Japão, Colômbia, Uruguai, México, Chile, África do Sul, Angola, Honduras, Guatemala e Argentina.

to/pintura, teatro e fotografia: 74%, 78%, 84%, 88% e 95%, respectivamente. Isto ocorre apesar de as ofertas existentes, principalmente para as camadas menos favorecidas da população do ponto de vista socioeconômico e cultural. Dois exemplos bem sucedidos, na cidade do Rio de Janeiro, são o da ONG *Grupo Cultural Afro Regae* (1993) com atuação nas áreas de música (ritmos afro-brasileiros) e de artes cênicas e circenses e o da ONG *Grupo de Teatro Nós do Morro* (1986) que privilegia o teatro, cinema, cenografia, iluminação e figurino, contribuindo na formação profissional dos jovens para a sua inserção no mercado de trabalho, inclusive (Castro et al., op. cit.).

A relação entre a participação em cursos extracurriculares e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 32 subsequente. Um indicador de participação foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os cursos que fizeram. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *participação em cursos extracurriculares* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro 22).

Tabela 32: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a participação em cursos extracurriculares (%)

		Participação em cursos extracurriculares		
		Baixa	Média	Alta
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	25	22	18
	Visitou 1	29	28	27
	Visitou 2	24	20	20
	Visitou 3	10	15	12
	Visitou 4	7	8	12
	Visitou mais de 4	5	7	11
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Essa tabela mostra que o percentual de estudantes que não visitaram museus é maior entre aqueles cuja participação em cursos extracurriculares está abaixo da média (25%), em comparação com os que possuem esse indicador acima da média (18%). Observamos ainda que o número de museus visitados pelos estudantes que têm alta participação em cursos extracurriculares é maior que o número dos que possuem baixa participação: 2.06 (número médio de museus visitados) *versus* 1.59, respectivamente.

5.1.4 Característica associada ao aluno: prática cultural

Embora a prática cultural em foco, nesta pesquisa, seja a frequência a museu ou instituição cultural afim, indagamos aos alunos sobre sua participação em outras atividades culturais. Cabe lembrar que nosso interesse é o de conhecer as práticas culturais consideradas de caráter clássico ou mais enobrecidas (cultura legitimada ou cultura cultivada) como frequentar ópera ou concerto de música clássica, balé ou espetáculo de dança, teatro, cinema, livraria e biblioteca fora da escola.

Indagamos aos estudantes sobre a frequência com que nos últimos 12 meses (2003) foram ao cinema, ao teatro, a uma ópera ou a um concerto de música clássica, a um balé ou a um espetáculo de dança, a um show de música, à livraria e à biblioteca fora da escola. A frequência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *não*, *1 a 2 vezes*, *3 a 4 vezes* e *mais de 4 vezes*. A distribuição percentual dos alunos segundo sua prática cultural, nos últimos 12 meses (2003), está apresentada na tabela A21 do Anexo VII. Cabe lembrar que não consta desta tabela a frequência de visita a museus, uma vez que este item foi tratado, em detalhe, em várias seções do capítulo anterior.

Para os comentários seguintes, recodificamos essas categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que participou dessas expressões culturais nos últimos 12 meses (2003) e valor zero para o caso contrário.

Entre as práticas culturais de maior frequência tem destaque o cinema, uma vez que 89% dos alunos afirmam frequentá-lo. Em relação a show de música e livraria, a constância com que os estudantes usufruem destes bens culturais diminui: 70% para ambos. À medida que o evento cultural vai se refinando, ou seja, adquire um caráter mais clássico, como é o caso do teatro e da biblioteca, constatamos uma frequência mais baixa em relação a estes bens simbólicos: 43% dos alunos fruíram de espetáculos teatrais e 40% frequentaram bibliotecas fora da escola. Quando o foco se desloca para balé/espetáculos de dança e óperas/concertos não surpreende o baixo percentual de alunos que têm estas práticas culturais: 33% e 13%, respectivamente.

A relação entre a prática cultural dos alunos e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 33 abaixo. Um indicador de prática cultural foi construído a partir das respostas dos estudan-

tes sobre as atividades que freqüentaram nos últimos 12 meses (2003). Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *prática cultural* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro 22).

Essa tabela mostra que o percentual de estudantes que não visitaram museus é bem maior entre aqueles cuja prática cultural está abaixo da média (36%), em comparação com os que possuem esse indicador acima da média (10%). Constatamos ainda que o número de museus visitados pelos estudantes cuja prática cultural está acima da média é bem maior que o número dos que possuem este tipo de prática abaixo da média: 2.51 (número médio de museus visitados) *versus* 1.23, respectivamente. Este resultado sugere que a prática cultural pode ter um impacto significativo no número de museus visitados.

Tabela 33: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a prática cultural (%)

		Prática cultural		
		Baixa	Média	Alta
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	36	21	10
	Visitou 1	31	33	20
	Visitou 2	18	21	24
	Visitou 3	9	12	16
	Visitou 4	4	8	15
	Visitou mais de 4	2	5	15
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

5.1.5

Característica associada ao entorno do aluno: composição familiar

De modo geral, as famílias apresentam uma razoável diversidade em termos de composição e de organização. O termo família engloba conceitos que variam em complexidade e objetivos. No Brasil, “*estudos jurídicos ou de caráter antropológico entendem famílias como grupos de parentes (incluindo-se aí as filiações não biológicas e as alianças conjugais) que se relacionam com alguma regularidade e intensidade, portanto não são limitadas pelas fronteiras do domicílio*” (Medeiros e Osório, 2002, p.2).

Nesta pesquisa, a pergunta formulada para os alunos, *quem mora na sua casa com você*, engloba a idéia de espaço domiciliar limitado. Como não é nosso propósito entrar no âmbito das discussões sobre os aspectos conceituais associados à definição do termo família, a noção de “*arranjo domiciliar*” utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em suas pesquisas, em particular na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), é mais adequada. Um arranjo domiciliar pode ser formado por uma pessoa que vive só ou por um grupo de pessoas que residem em um domicílio particular. Geralmente esse grupo é constituído por familiares (arranjo familiar).

No que se refere à distribuição dos tipos de arranjos familiares, a PNAD (2002)⁵ mostra que a família nuclear ainda é o padrão dominante de organização. Mesmo ocorrendo uma redução entre 1992 e 2002 de 11,2%, o tipo constituído pelo casal e seus filhos correspondem a 52,8% do total dos arranjos. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, este percentual é de 44,4%. A informação sobre a presença de cônjuge na composição familiar também é um aspecto relevante, uma vez que a forma como se constitui a família representa um recurso diferenciado que afeta a situação de seus membros. Na região metropolitana do Rio de Janeiro o percentual de famílias constituídas por mulheres sem cônjuge e com filhos é de 19,4%.

Em relação à composição familiar ou ao arranjo domiciliar, constatamos que 59% dos alunos têm família do tipo nuclear – núcleo composto formado por um casal: mãe ou outra mulher responsável e pai ou outro homem responsável; 29% estão inseridos em um arranjo familiar do tipo monoparental – núcleo simples, constituído por homens ou por mulheres que não possuem cônjuge: mãe ou outra mulher responsável ou pai ou outro homem responsável; 12% têm família do tipo sem os pais – moram com avós ou irmãos ou outras pessoas. A tabela A22 do Anexo VII mostra esta distribuição percentual e o número de pessoas que residem com o aluno.

Cabe abrir um parêntese para breve comentário sobre a estreita relação existente entre a estrutura familiar e a noção de capital social baseado na família de Coleman (1988). Para o autor, a família é uma rede chave na construção deste tipo de capital que se traduz na força das relações entre pais e filhos, o que depende da presença física de adultos no contexto familiar e da atenção que é dispensada às crianças e jovens. O estudo deste sociólogo sobre o efeito da falta de capital social

⁵ Síntese de Indicadores Sociais 2003 (IBGE), item Família (p.167-69).

familiar na não conclusão da escola secundária mostra que os dois fatores dominantes são “*presença dos pais*” (estrutura familiar) e “*número de irmãos*” (tamanho da família). Os resultados indicam que o percentual de estudantes que abandonam a escola antes do término do ensino médio é maior para aqueles oriundos de famílias de pais separados e com muitos irmãos. Este é o caso de as famílias monoparentais com muitos filhos em idade escolar, nas quais ocorre uma diluição da atenção prestada pelos membros adultos à prole (Ibid., p.113).

A relação entre a composição familiar na qual os estudantes estão inseridos e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 34 abaixo.

Tabela 34: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a composição familiar (%)

		Composição familiar		
		Nuclear	Monoparental	Sem os pais
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	18	24	28
	Visitou 1	27	25	37
	Visitou 2	23	19	17
	Visitou 3	13	14	9
	Visitou 4 ou mais	19	18	9
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Podemos verificar que o percentual de não-visita entre os estudantes cuja composição familiar é do tipo nuclear (18%) é menor, em comparação com os que possuem arranjo familiar do tipo monoparental (24%) e sem os pais (28%). Observamos ainda que os alunos inseridos em contextos familiares do tipo nuclear (número médio de museus visitados: 1.96) e monoparental (número médio de museus visitados: 1.86) visitaram uma quantidade de museus um pouco maior do que os inseridos em arranjo do tipo sem os pais (número médio de museus visitados: 1.37). Este resultado indica que o tipo de arranjo familiar parece ter alguma influência no número de museus visitados.

5.1.6

Característica associada ao entorno do aluno: escolaridade familiar

A escolaridade familiar é um dos aspectos mais recorrentes dos diferentes tipos de capital que inúmeros estudos quantitativos têm se empenhado para operacionalizar. Frequentemente, o nível de educação da família apresenta um forte impacto nas dimensões relacionadas à vida escolar como, por exemplo, resultados e continuidade dos estudos.

Foi solicitado aos estudantes que respondessem sobre *até que série sua mãe ou responsável estudou* e sobre *até que série seu pai ou responsável estudou*. A partir destes itens foi criado o indicador de escolaridade familiar, isto é, o número mais alto entre os anos de estudo da mãe e do pai. As variáveis, *escolaridade do pai* e *escolaridade da mãe*, foram recodificadas da seguinte forma: 1 – estudou até 8ª série (EF); 2 – estudou até 3ª série (EM) e 3 – ensino superior (Quadro 22).

O percentual de alunos cuja escolaridade familiar se restringe ao ensino fundamental (32%) é maior do que o relativo ao ensino médio (21%). Bastante expressivo é o percentual de alunos cujos pais têm ensino superior (47%). Estes resultados apontam um quadro promissor se comparado aos números apresentados pelo SAEB 2001 (município do Rio de Janeiro) para a 8ª série do ensino fundamental, notadamente em relação ao ensino superior (32%)⁶. Permanece promissor se comparado aos números apresentados pelo IBGE 2003 para a região metropolitana do Rio de Janeiro, considerando a população de 25 anos ou mais, por grupos de anos de estudo⁷.

Segundo Silva e Hasenbalg (2002), o aumento lento, porém sistemático, do nível educacional da população brasileira⁸ permite supor que crianças e jovens estão sendo socializadas por pais e adultos mais educados que os de gerações anteriores. Podemos também pensar que pais com nível educacional mais elevado

⁶ Dados do SAEB 2001 para a 8ª série apontam um percentual de 38% de pais no nível correspondente ao ensino fundamental; 30% no nível relativo ao ensino médio e 32% no superior.

⁷ Os indicadores sociais revelam para a região metropolitana do Rio de Janeiro, considerando a população adulta de 25 anos ou mais de idade, por grupos de ano de estudo, o seguinte: 7%, sem instrução e menos de 1 ano; 12%, 1 a 3 anos; 27%, 4 a 7 anos; 13%, 8 anos (ensino fundamental completo); 25%, 11 anos (ensino médio completo) e 16%, 12 anos ou mais (IBGE, 2003, p.94).

⁸ Os indicadores sociais comprovam que houve um avanço na situação educacional do País. Para a população de 25 anos ou mais de idade, a média de anos de estudo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, é de 7,7 (ensino fundamental completo). No Brasil, para esta mesma população, a média de anos de estudo é de 6,1; na região sudeste é de 6,8 e no estado do Rio de Janeiro é de 7,4. (IBGE, 2003, p.92 e 95).

propiciem as suas famílias um ambiente cognitivo dotado de recursos relacionados à informação, cultura e relações sociais.

A relação entre a escolaridade familiar e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 35 abaixo. Podemos verificar que o percentual de não-visita entre os estudantes cuja família tem ensino superior (18%) é menor, comparado com os que estão inseridos em contextos nos quais a escolaridade familiar se restringe ao ensino médio (24%) e fundamental (31%).

Tabela 35: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a escolaridade familiar (%)

		Escolaridade familiar		
		Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	31	24	14
	Visitou 1	32	32	23
	Visitou 2	22	22	21
	Visitou 3	8	13	15
	Visitou 4	5	5	14
	Visitou mais de 4	2	4	13
	Total	100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Observamos ainda que os estudantes cujas famílias possuem escolaridade superior visitaram uma quantidade de museus maior (número médio de museus visitados: 2.33) do que os inseridos em contextos familiares com escolaridade relativa ao ensino médio e ao ensino fundamental (número médio de museus visitados: 1.56 e 1.31, respectivamente).

5.1.7

Característica associada ao entorno do aluno: disponibilidade de recursos educacionais/culturais

A expressão “*mundo natal*”, utilizada por Bourdieu (1999), refere-se ao ambiente de socialização primária dos indivíduos. O autor afirma que este contexto reflete as “*relações sociais objetivadas nos objetos familiares*”, como por exemplo, na decoração da casa, nos gostos, nas roupas e na posse e disponibilidade de

bens culturais. Portanto, o conjunto de recursos educacionais/culturais⁹ que faz parte do ambiente natal (capital cultural objetivado) possibilita que este meio exerça uma ação tanto educativa como cultural.

Bourdieu (1979) ressalta que para se apropriar simbolicamente desses bens é necessário possuir os instrumentos desta apropriação e os códigos necessários para decifrá-los, ou seja, é necessário possuir capital cultural no estado incorporado. Neste estado, o capital cultural “*não pode ser transmitido instantaneamente (...) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição*” (Ibid., p.75). Portanto, a internalização pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação que exige investimentos de longa duração, para tornar esta forma de capital parte integrante da pessoa (*habitus*).

Indagamos aos estudantes sobre a disponibilidade em suas residências dos seguintes recursos educacionais/culturais: jornal diário, jornal de fim-de-semana, revista de informação geral, enciclopédia, Atlas, dicionário, acesso à Internet, programas educativos de computador, livros de literatura, CD de música clássica, CD de música brasileira e instrumentos musicais. A distribuição percentual dos alunos segundo a disponibilidade de recursos educacionais/culturais em suas residências está apresentada na tabela A23 do Anexo VII.

Apuramos que os materiais escritos básicos para apoiar atividades de cunho intelectual estão disponíveis na casa dos alunos: dicionário (98%), Atlas (87%), enciclopédia (76%), livros de literatura (76%), acesso a Internet (65%) e *softwares* educativos (46%). Isto significa que esses jovens estão imersos em um “*mundo natal*” no qual as atividades intelectuais seguem a norma típica dos ambientes de capital cultural elevado.

Jornal no fim de semana, jornal diário e revista de informação geral circulam, respectivamente, na casa de 80%, 54% e 59% dos alunos. A disponibilidade destes recursos oferece condições propícias para que o capital informacional (dimensão da estrutura do capital cultural) se estruture e posteriormente se acumule pelo hábito diário de leitura destes meios de informação/comunicação impressos.

⁹ Cabe mencionar que optamos pela expressão *recursos educacionais/culturais*, porque a relação disponibilizada na questão que pedia ao aluno que informasse sobre a existência de determinados itens em sua residência (aq32 a aq43 /questionário do aluno, Anexo II) continha tanto os considerados de caráter educacional (dicionário, Atlas, etc.), como cultural (livro de literatura, CD de música clássica, etc.) e informacional (jornal, revista, etc.).

No tocante aos suportes materiais ligados à música, detectamos que 91% têm CD de música brasileira e menos da metade (46%), CD de música clássica¹⁰. “É importante registrar que grande parte dos consumidores do mercado fonográfico é de estudantes (23%), ainda em idade escolar” (Setton, op. cit., p.65).

Impressiona o fato de 59% dos alunos dispor de instrumentos musicais. Isto pode estar subordinado à importância intrínseca que a música tem para as famílias brasileiras, herdeiras da miscigenação da cultura negra africana, na parte rítmica, com a cultura européia, especialmente a portuguesa, na parte melódica e harmônica. É importante lembrar que o capital cultural no seu estado incorporado constitui o componente do acervo familiar que atua de forma marcante não somente nos resultados escolares dos descendentes, mas também nas práticas e nos conhecimentos culturais, como, por exemplo, sobre a música.

A relação entre a disponibilidade de recursos educacionais/culturais nas residências dos alunos e a variável dependente *número de museus visitados qualquer temática restrito* está expressa na tabela 36 subsequente. Um indicador foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a existência deste tipo de recurso nas suas casas. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *disponibilidade de recursos educacionais/culturais* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro22).

A partir dessa tabela, verificamos que o percentual de não-visita a museus dentre os estudantes cujas famílias possuem recursos educacionais/culturais abaixo da média é de 33%. Já entre os estudantes cujas famílias possuem altos níveis destes recursos o percentual cai para 11%. Constatamos ainda que o número de museus visitados pelos estudantes que têm alta disponibilidade de recursos educacionais/culturais é bem maior que o número dos que possuem baixa disponibilidade deste tipo de recurso: 2.45 (número médio de museus visitados) *versus* 1.25, respectivamente. Estes resultados sugerem que pode haver uma interferência significativa desta variável no número de museus visitados.

¹⁰ De acordo com Setton (2004, p.64), em relação ao mercado fonográfico houve uma expansão com forte apelo popular. Desde o Plano Real, ou seja, meados da década de 1990, nunca se vendeu tanto e nunca tantas pessoas de renda mais baixa tiveram oportunidades de comprar um aparelho de som. Como consequência, a venda de CDs, em 1997, chegou a 104 milhões. Atualmente, em função da pirataria, o volume é da ordem de 79,6 milhões, 20% menor que em 2001; 76% do total das vendas foram de produtos de artistas brasileiros.

Tabela 36: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a disponibilidade de recursos educacionais/culturais em sua residência (%)

		Disponibilidade de recursos educacionais/culturais		
		Baixa	Média	Alta
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	33	22	11
	Visitou 1	33	31	22
	Visitou 2	19	22	22
	Visitou 3	8	13	16
	Visitou 4	5	8	14
	Visitou mais de 4	2	4	15
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

5.1.8

Característica associada ao entorno do aluno: diversidade de leitura dos pais

Indagamos aos estudantes sobre a frequência com que, nos últimos 2 meses¹¹, viram seus pais ou responsáveis lendo jornal, revistas, bíblia ou outros livros sagrados, livros de literatura e poesia. A frequência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *nunca*, *poucas vezes* (1 ou 2 vezes), *algumas vezes* (3 a 6 vezes) e *muitas vezes* (mais de 7 vezes). A distribuição percentual dos alunos segundo estes diferentes meios de comunicação impressos que pais ou responsáveis lêem (diversidade de leitura) está apresentada na tabela A24 do Anexo VII.

Para os comentários seguintes, recodificamos essas categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que viu seus pais ou responsáveis lendo esses meios de comunicação impressos nos últimos 2 meses e valor zero para o caso contrário.

Entre os diferentes meios de comunicação impressos, jornal e revistas têm destaque: 92% e 90% dos alunos informam que viram seus pais ou responsáveis fazendo este tipo de leitura, respectivamente. Esta prática de leitura há muito reconhecida como legítima, é condizente com o estilo de vida social nos grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro, e demanda um tipo de informação/conhecimento permanentemente atualizado. Cabe lembrar que o acúmulo de

¹¹ Cabe lembrar que os questionários foram aplicados entre 23 de março e 07 de julho de 2004.

capital informacional é evidenciado por meio da leitura de jornais¹² e revistas de informação geral e funciona como uma dimensão da estrutura do capital cultural, alterando as formas de vida dos grupos e das famílias.

Em relação à leitura da bíblia ou outros livros sagrados¹³, 64% dos estudantes disseram que viram seus pais ou responsáveis lendo este tipo de impresso. Este percentual chama a atenção. O crescimento das igrejas evangélicas, nas duas últimas décadas, trazendo um incremento nas práticas de evangelização, pode justificar o resultado encontrado.

No que se refere à leitura de livros de literatura e poesia, constatamos que percentual de alunos que viram os pais ou responsáveis envolvidos com este tipo de prática é bem mais baixo se comparado à leitura de jornais e revistas: 62% e 39%, respectivamente. Os resultados não surpreendem. Embora o acesso a estes bens simbólicos venha se expandindo imensamente nos grandes centros urbanos – além de as livrarias, outros locais são pontos-de-venda como papelarias, bazares, supermercados, lojas de conveniência e bancas de jornal –, é necessário ter capital cultural incorporado para se apropriar deles e utilizá-los de acordo com seu fim.

Quando indagamos para os alunos *a frequência com que viram pais ou responsáveis lendo*, nossa intenção era obter um indicador tanto da diversidade como da prática de leitura dos adultos com os quais esses estudantes residem. Um contexto familiar no qual pais ou responsáveis lêem frequentemente na frente dos filhos pode ser um diferencial no sentido de criar condições que facilitaria o desenvolvimento do hábito de leitura dos jovens. Para que isto de fato se constitua em *habitus*, no sentido de Bourdieu, sabemos que é necessária a realização de um trabalho de inculcação e de assimilação que exige investimentos de longa duração.

Um indicador de diversidade de leitura foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os diferentes meios de comunicação impressos que pais ou responsáveis lêem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diversidade de leitura dos pais* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro 22).

¹² Atualmente, em relação à leitura de jornais, de um pouco mais de 1000 títulos em circulação, em todo território nacional, 42% dos brasileiros, em média, têm como hábito lê-los. Segundo o Ibope, os cariocas (69,8%), os recifenses (65,1%), seguidos dos moradores de Porto Alegre (65,4%) são os que mais têm o gosto pela leitura de jornais. Fortaleza destaca-se com um índice de apenas 25,7% de leitores (Setton, 2004, p.66).

¹³ No setor de livros religiosos, a circulação alcançou aproximadamente 30 milhões de unidades, com 5 mil títulos (Setton, 2004, p.69).

A relação entre a diversidade de leitura dos pais ou responsáveis e a variável dependente *número de museus visitados_qualquer temática restrito* está expressa na tabela 37 abaixo.

Tabela 37: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a diversidade de leitura dos pais ou responsáveis (%)

		Diversidade de leitura dos pais		
		Baixa	Média	Alta
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	32	19	12
	Visitou 1	31	30	21
	Visitou 2	20	19	24
	Visitou 3	9	12	17
	Visitou 4	5	10	14
	Visitou mais de 4	3	10	12
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Apuramos a partir dessa tabela que o percentual de não-visita entre os estudantes cujos pais ou responsáveis possuem diversidade de leitura acima da média é baixo (12%). Já entre aqueles cujos pais possuem baixo nível de diversidade de leitura, o percentual sobe para 32%. Verificamos ainda que o número de museus visitados pelos estudantes cuja diversidade de leitura dos pais ou responsáveis está acima da média é bem maior que o número dos que estão inseridos em contextos familiares com baixa diversidade de leitura: 2.34 (número médio de museus visitados) *versus* 1.31, respectivamente. Este resultado sugere que este indicador pode explicar significativamente o número de museus visitados.

5.1.9

Característica associada ao entorno do aluno: diálogo familiar

As variáveis presentes no questionário dos alunos que foram utilizadas para investigar os atributos do capital social baseado na família estão associadas ao diálogo familiar e ao envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos dos filhos. Também faz parte desta interação as trocas cotidianas existentes nos momentos das refeições (almoço ou jantar) e das atividades de lazer e entretenimento de dentro de casa (ouvir música). Indagamos aos estudantes sobre a fre-

quência com que seus pais conversam com eles: sobre livros, sobre filmes, sobre programas de televisão; sobre outros assuntos, sobre a continuidade de seus estudos e sobre sua futura profissão, e também se almoçam ou jantam e ouvem música junto com eles. Além disto, se conversam com seus amigos, com os pais ou responsáveis de seus amigos e se levam seus amigos nos programas que fazem com eles. A frequência foi medida a partir de quatro categorias de resposta: *nunca*, *raramente*, *quase sempre* e *sempre*. As tabelas A25 e A26 (Anexo VII) mostram a distribuição percentual dos alunos segundo tipos de assunto tratados no diálogo familiar, tipos de troca cotidiana e o envolvimento dos pais ou responsáveis com os amigos e/ou pais dos amigos dos filhos, respectivamente.

Para os comentários seguintes, recodificamos essas categorias de resposta de forma a assumir valor um quando os pais ou responsáveis do aluno, *quase sempre* e *sempre* conversam com ele sobre os assuntos e as práticas cotidianas considerados, bem como o envolvimento com pais e/ou amigos dos filhos e valor zero para as categorias *nunca* e *raramente*.

Os alunos percebem seus pais ou responsáveis presentes no seu cotidiano: 84% informam que almoçam ou jantam com os pais, mas menos da metade (46%) diz que não ouve música junto com eles. Podemos supor que isto tem conexão com gostos distintos, mas também com a necessidade dos jovens de marcar diferenças. Um comentário feito por um aluno durante a aplicação do questionário ilustra esta situação: “*só ouço música junto com meus pais no carro. Não tem jeito... meu pai põe na estação que gosta e eu sou obrigado a ouvir. Isto não é ouvir música junto com eles, não é?*”.

Quanto aos assuntos das conversações, apuramos que sobre a continuidade dos estudos e sobre a futura profissão, o percentual de alunos que mantêm este tipo de diálogo é alto: 90% e 78%, respectivamente. Este fato demonstra a preocupação dos pais ou responsáveis com a formulação de estratégias que possam orientar a trajetória escolar dos filhos, sobretudo quando estão em jogo questões relacionadas à mudança de escola, continuação ou interrupção de estudos, definição de cursos universitários e profissão, inserção no mercado de trabalho, entre outras.

Bater-papo (conversar sobre qualquer outro assunto) é uma prática bastante presente no cotidiano familiar dos alunos: 85% afirmam que têm com os pais este tipo de entrosamento. O percentual de alunos que conversam sobre assuntos relacionados a programas de televisão é considerável (79%). Ainda que de forma

menos constante, as conversas sobre livros estão presentes no convívio familiar dos alunos (46%).

Esses dados indicam a presença de um vínculo sócio-afetivo-familiar. No entendimento de Coleman (1988), os contextos tipicamente privados, informais, intensos e duráveis das relações familiares, nos quais acontecem as interações face a face são preponderantes para a estruturação do capital social baseado na família. Especialmente importante para as medidas deste tipo de capital é a força e a qualidade das relações entre pais e filhos, o que depende da presença física de adultos na família e da atenção dispensada às crianças e aos jovens. Em particular, o trabalho desse autor mostra a importância do capital social dentro da família para a educação dos filhos. A presença do capital social é considerada vital para transferir o capital humano¹⁴ dos pais para os filhos: “*se o capital humano possuído pelos pais não é complementado pelo capital social enraizado nas relações familiares, o capital humano dos pais torna-se irrelevante para o crescimento educacional dos filhos*” (Ibid., p.111).

O conceito de capital social formulado por Bourdieu (1980) focaliza, mais especificamente, o papel das redes de relações sociais externas à família na mobilização e reprodução deste tipo de capital. Já seu conceito de capital cultural está enredado na malha familiar (relações intrafamiliares). Considerando as conversações entre pais e filhos, notadamente aquelas nas quais os assuntos predominantes são programas de televisão, filmes e livros, podemos dizer que elas indicam uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, adensando as trocas simbólicas entre as duas gerações. Estas e outras práticas usufruídas em conjunto proporcionam a aquisição de predisposições que facilitam a composição do *habitus*, consolidando o capital cultural incorporado (Bourdieu, 1979).

Observando os resultados encontrados sobre o envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos dos filhos, é possível perceber que esses pais investem tempo e atenção no envolvimento com os jovens e os adultos que têm relação com seus filhos.

O percentual de alunos cujos pais conhecem e conversam com os amigos dos filhos (53%) é um pouco maior do que o encontrado para aqueles cujos pais

¹⁴ Coleman considera que o capital humano é medido aproximadamente pelo nível de instrução das pessoas. No caso de as famílias, o capital humano medido pela instrução dos pais é potencialmente importante para proporcionar um ambiente cognitivo propício à aprendizagem escolar de crianças e de jovens.

conversam com os responsáveis dos amigos dos filhos (48%). Há uma discreta queda quando as relações se estreitam, ou seja, os amigos dos filhos passam a fazer parte dos programas que fazem com sua prole (44%). Este estilo de vida familiar de maior proximidade entre as gerações, e também com os amigos e/ou pais dos amigos dos filhos,

aponta no sentido contrário do que as mídias vêm indicando sobre a ‘desestruturação das famílias’ e a ausência de diálogo familiar; também pode ser um reflexo da faixa etária dos jovens que em vista do contexto social de maior violência, característico das metrópoles, tem sua liberdade de ir e vir bastante limitada. Estes jovens encontram-se no limite da clivagem etária que permitirá uma maior autonomia no que concerne a opções de saída e lazer (Brandão et al., 2004b, p.7).

A relação entre os assuntos tratados no diálogo familiar e tipos de troca cotidiana e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 38 abaixo. Um indicador de diálogo familiar foi construído a partir das respostas dos alunos sobre os tipos de assunto que conversam com os pais ou responsáveis e sobre os tipos de troca cotidiana. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *diálogo com os filhos* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro 22).

Tabela 38: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo diálogo familiar (%)

		Diálogo familiar		
		Baixo	Médio	Alto
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	30	23	13
	Visitou 1	30	28	27
	Visitou 2	19	20	24
	Visitou 3	9	13	14
	Visitou 4	8	8	11
	Visitou mais de 4	4	8	11
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

A tabela mostra que o percentual de alunos que não visitaram museu é maior entre aqueles cujo diálogo familiar está abaixo da média (30%), em comparação com os que possuem esse indicador acima da média (13%). Observamos ainda que os estudantes cujas famílias possuem diálogo familiar alto (número médio de museus visitados: 2.18) visitaram uma quantidade de museus maior do que os inseridos

em contextos familiares com baixo nível de diálogo com os filhos (número médio de museus visitados: 1.46, respectivamente). Este resultado sugere que pode haver uma interferência positiva desta variável no número de museus visitados.

5.1.10

Característica associada ao entorno do aluno: posse de bens familiar

O capital econômico é usualmente mensurado por meio da renda ou riqueza familiar, assim como pela situação de bem-estar material dos domicílios expressa pelas condições de moradia. Há comprovações de que é inapropriado perguntar para alunos de 8ª série do ensino fundamental sobre a renda familiar, uma vez que as respostas são imprecisas. O *Programa Internacional de Avaliação de Estudantes* (PISA) faz uma estimativa deste item com perguntas sobre a posse de bens e outras que ajudam a determinar o *status* do emprego e da ocupação dos pais ou responsáveis. Como esta última opção esbarra em problemas de codificação de respostas abertas, o *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica* (SAEB), por exemplo, usa itens sobre as condições de moradia quanto ao conforto e o acesso a recursos de urbanização. Nesta pesquisa, no questionário do aluno, há um item que pede informações sobre a posse de alguns bens duráveis e um outro sobre empregado doméstico.

Indagamos aos alunos sobre a existência e/ou disponibilidade, em suas residências, dos seguintes itens: número de banheiros, de rádios, de aparelhos de televisão, de aparelhos de videocassete ou DVD, de computadores, de telefones fixos (linha telefônica), de celulares, de máquinas de lavar roupa, de máquinas de lavar louça e de automóveis. O quantitativo foi medido a partir de quatro categorias de resposta: *não dispõe (zero)*, *dispõe de 1*, *2 e 3 ou mais*. A tabela A27 do Anexo VII mostra a distribuição percentual dos alunos segundo a posse de bens materiais familiar.

Para os comentários seguintes, recodificamos essas categorias de resposta de forma a assumir valor um quando o aluno informa que dispõe em sua residência, desses itens e valor zero para o caso contrário.

Na atualidade, a posse de determinados bens duráveis adquire importância, uma vez que garante um nível mais elevado de bem-estar em termos de conforto e acesso à informação. De acordo com a PNAD 2003, no que concerne à posse de rádio e televisão, na Região Sudeste, de 1998 para 2003, o percentual de moradias,

com rádio foi decrescente, passando de 94% para 92%. Este fato contrasta com a trajetória ascendente do percentual de domicílios com televisão que passou de 94% para 95%¹⁵. Portanto, não é surpresa o fato de todos os alunos participantes desta pesquisa terem, em suas residências, banheiro e televisão, além de 99% possuírem rádio e 89% videocassete ou DVD.

Quanto ao item telefone, a PNAD indica que o aumento da oferta do serviço de telefonia fez com que na Região Sudeste o percentual de moradias com linha telefônica (fixa ou móvel) que estava em 25% em 1993, alcançasse 72% em 2003. Apuramos que 94% dos alunos possuem celular e 92% telefone fixo (linha telefônica) em suas residências.

O número de moradias que possuem máquina de lavar, na Região Sudeste, subiu de 43% em 1998 para 46% em 2003 (PNAD). Observamos que em 84% das casas dos alunos participantes desta pesquisa existe máquina de lavar roupa. Quando o item em questão passa a ser a máquina de lavar louça, verificamos que apenas 20% dos estudantes possuem este utensílio doméstico. Durante a aplicação do questionário, a demonstração de desconhecimento deste item, por parte de muitos alunos, foi surpreendente.

Somente em 2001, a PNAD passou a pesquisar a existência de computadores nas residências. No Brasil, constatou-se que apenas 13% dos domicílios tinham este bem. Em 2003, o percentual de moradias, com computador, situou-se em 15%, sendo apenas 11% ligadas à Internet. No caso desta investigação, apuramos que 68% dos alunos têm disponibilidade deste recurso em suas moradias e 65% têm acesso à Internet (ver tabela A23 do Anexo VII, para este último item).

No que se refere à posse de automóvel, verificamos que 65% dos alunos informam que possuem este item. Vale destacar que este percentual não é muito diferente daquele encontrado para o item computador (68%).

Dispor de um empregado doméstico, principalmente no contexto das grandes cidades está associado a um alto poder aquisitivo. Portanto, não surpreende o fato de 62% dos alunos informarem que não contam com este tipo de serviço em suas residências. A tabela A28 do Anexo VII apresenta mais detalhes sobre este item.

¹⁵ No Brasil, esta tendência se mantém. O auge das habitações com rádio foi em 1996-98 (90%), passando para 88% em 2003. Em relação aos aparelhos de televisão, o percentual de moradias passou de 87% em 1998 para 90% em 2003.

A relação entre a existência e/ou disponibilidade de bens materiais nas residências dos alunos e a variável dependente *número de museus visitados_ qualquer temática restrito* está expressa na tabela 39 abaixo. Um indicador (medida de capital econômico) foi construído a partir das respostas dos alunos sobre a posse destes tipos de bem. Este indicador foi particionado em três percentis, resultando na variável *posse de bens materiais* com três categorias: baixa, média e alta (Quadro 22).

Tabela 39: Distribuição percentual dos alunos que visitaram museus ao longo da vida, segundo a posse de bens materiais familiar (%)

		Posse de bens materiais		
		Baixa	Média	Alta
Número de museus visitados (qualquer temática restrito)	Não visitou	31	19	14
	Visitou 1	33	29	21
	Visitou 2	20	23	20
	Visitou 3	9	14	14
	Visitou 4	5	8	17
	Visitou mais de 4	2	7	14
Total		100	100	100

Fonte: Puc-Rio – Pesquisa *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?*, 2004

Essa tabela evidencia que o percentual de estudantes que não visitaram museus é maior entre aqueles cujas famílias dispõem de bens materiais abaixo da média (31%), em comparação com os que possuem esse indicador acima da média (14%). Verificamos ainda que o número de museus visitados pelos estudantes que têm alta disponibilidade de bens materiais é maior que o número dos que possuem baixa disponibilidade deste tipo de recurso: 2.41 (número médio de museus visitados) *versus* 1.31, respectivamente. Este resultado sugere que pode haver uma interferência significativa desta variável no número de museus visitados.